

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

CENTRO DE ARTES



CURSO DE TEATRO - LICENCIATURA

DENER SOLANO ARAUJO

**JOGOS TEATRAIS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE
CIÊNCIAS NO NÍVEL FUNDAMENTAL**

Pelotas

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES



CURSO DE TEATRO - LICENCIATURA

DENER SOLANO ARAUJO

**JOGOS TEATRAIS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS
NO NÍVEL FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientador:

Prof. Dr. Gustavo Angelo Dias

Pelotas

2020

DENER SOLANO ARAUJO

**JOGOS TEATRAIS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS
NO NÍVEL FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Pelotas, 2020

Dedico a minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Dr. Gustavo Dias por estar sempre me apoiando no desenvolvimento do TCC, e sempre me motivando a continuar.

À Professora Dra. Fabiane Tejada e ao Professor Dr. Ney Vattimo Bruck por fazerem parte da banca avaliadora.

A E.E.E.F. Adelaide Alvim que permitiu a aplicação do projeto e aos alunos, pois sem eles não teria conseguido realizá-lo.

“O mais fascinante na vida é que podemos nos reinventar todos os dias”

(Desconhecido).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por tema um projeto que foi um experimento interdisciplinar que estabeleceu uma relação entre ciências e o teatro que buscou criar uma forma diferente de abordagem para o ensino dentro da sala de aula, tentando criar um meio que fosse mais significativo para o estudante, de modo que pudesse ter mais ação e interação com a matéria ensinada a ele. Teve como ponto de partida os Jogos Teatrais de Viola Spolin, que serviram de alicerce para criar uma vivência teatral com os alunos, e mais tarde os Jogos do Teatro do Oprimido de Augusto Boal para unir a realidade do aluno com os temas ministrados. Trago neste TCC o relato desta experiência, que me fizeram vir a refletir sobre minha prática pedagógica.

Palavras-chave: Ensino de ciências; Teatro do Oprimido; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

The theme of this Course Conclusion Paper is a project of an interdisciplinary experiment between science and theater that sought to create a different approach to teaching in the classroom, thus trying to create a medium that was more meaningful for the student, so that he could interact more closely with the material taught to him. It had as its starting point the Viola Spolin Theater Games, which served as a foundation to create a theatrical experience with the students, and later the Games of the Theater of the Oppressed by Augusto Boal to unite the student's reality with the themes taught. I bring in this Paper the report of this experience, which made me come to reflect on my pedagogical practice.

Keywords: Science teaching; Theater of the Oppressed; Interdisciplinarity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1. CONSTRUINDO UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR	12
CAPÍTULO 2. O COMEÇO DE UMA NOVA CAMINHADA: DA GRADUAÇÃO EM TEATRO – LICENCIATURA AO SURGIMENTO DO PROJETO	16
CAPÍTULO 3. ERA UMA VEZ UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA	19
3.1. O primeiro contato, tentando aplicar a ideia	19
3.2. Jogos: de Viola Spolin a Augusto Boal	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
ANEXO (PLANO DE AULAS DO PROJETO)	32

Introdução

Como professor formado em química com habilitação em ciências, vejo a necessidade de que ensino seja algo estimulante para aluno, sendo assim desenvolvi este projeto interdisciplinar unindo o teatro e as ciências da natureza construindo uma abordagem de uma forma mais dinâmica para que o aluno se aproprie deste conhecimento, e que esta sirva para transformar a realidade do aluno de forma positiva. Num primeiro momento dei noções básicas do teatro e discuti conteúdos de ciências. Pretendi que eles vissem a aplicação destes temas sob o ângulo de vista do teatro, com intuito que o aluno se questionasse, fizesse reflexão e crítica, visse possíveis soluções, como acontece nas práticas de Augusto Boal¹ no Teatro do Oprimido para que o aluno não seja um mero espectador, mas protagonista de sua vida, de maneira mais ativa.

Em minha atuação como docente na disciplina de Ciências e futuro professor de Teatro, estou constantemente procurando novas formas de trazer o conhecimento de maneira mais interessante a estes. Acredito que o interesse por essa proposta metodológica é construir uma ponte entre o universo do teatro e estudo de ciências e vice-versa.

Foram abordados os mesmos temas nas aulas de ciências e nas aulas de teatro, para observar se aluno conseguiria uma melhor compreensão e participação na construção de seus conhecimentos. Num primeiro momento enquanto era dado aula de ciências num dia, no outro era dado aula teatro com os Jogos Teatrais a partir de Viola Spolin² para que tivessem um primeiro contato. Conforme o avanço na segunda parte do projeto nas aulas de teatro os alunos foram apresentados aos Jogos do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, para que interligassem com os temas já trabalhados em ciências.

O primeiro capítulo abordo o problema e como através do construtivismo, sendo este aqui entendido como uma aplicação prática, baseado na epistemologia genética de Jean Piaget, e da interdisciplinaridade entre ciências e teatro tento criar o projeto. No

¹ Augusto Boal foi diretor de teatro, dramaturgo, fundador do Teatro do Oprimido (é um método teatral que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais, que usa o teatro para trabalhar questões políticas, sociais e éticas, que contribuirão para uma transformação social).

² Viola Spolin foi diretora e autora de teatro, sistematiza sua prática teatral e metodologia com os Jogos Teatrais, sendo sua maior contribuição o fichário com seus jogos teatrais.

segundo capítulo trago alguns relatos de minha caminhada na graduação em licenciatura em Teatro até a criação do projeto. O terceiro capítulo traz um relato do desenvolvimento do projeto. E quarto capítulo trago minhas observações finais a respeito do projeto e reflexões para futuras práticas educacionais.

Do que consegui aplicar de forma teórica e prática neste projeto se tornou um exercício de aprendizagem tanto para mim, quanto para alunos, na forma de ver e rever problemas fazendo serem os construtores de sua aprendizagem, participando de forma ativa de seu processo de formação.

Capítulo 1: Construindo uma proposta interdisciplinar

O ensino nas escolas públicas e privadas brasileiras vem sofrendo reformulações a fim de que os alunos e alunas recebam o mesmo nível e tipo de educação. Os conteúdos trabalhados pelos docentes nas escolas de ensino fundamental devem ser os mesmos independente da origem dos recursos financeiros, seja por fonte pública ou privada, e em qualquer região do país. Essa padronização vem sendo um desafio para todos, pois envolve questões culturais, sociais e hábitos familiares.

Os professores muitas vezes precisam competir na atenção dos alunos na tentativa de lecionar. Um exemplo bem atual são os recursos tecnológicos que distraem o aluno, como uso de celular em sala de aula, internet, os quais são apenas alguns dos fatores (que porém poderiam ser usados de forma positiva na educação, desde que o professor se interesse em modificar sua aula). Pensando nessas “distrações” que potencializam um distanciamento do ensino dos alunos no momento em que deveriam estar focados na aula, e a fim de que consigam se concentrar na aprendizagem proposta. O que deveria ser uma ferramenta de auxílio, como o celular, acaba se tornando algo para retirar do estudante sua atenção da sala de aula. Será que como educadores por não estarmos a acompanhar esse progresso tecnológico estamos ficando defasados?

Pensando nisso resolvi fazer este projeto interdisciplinar, no qual trabalhei o Teatro com a Ciências da Natureza na escola Estadual de Ensino Fundamental Adelaide Alvim, no município de Rio Grande - RS, como uma alternativa de educar buscando aproximar o conteúdo, ensinado de forma mais atrativa e próxima da realidade do estudante.

A partir de teorias de Paulo Freire que abordam a importância de não considerar o aluno como uma folha em branco a ser preenchida, observo que temos que considerar os conhecimentos diários dos alunos.

A escola deve respeitar os saberes socialmente construídos pelos alunos na prática comunitária. Discutir com eles a razão de ser de alguns saberes em relação ao ensino dos conteúdos. Discutir os problemas por eles vividos. Estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos (FREIRE, 1996, p. 32).

O construtivismo parte da ideia de que para o aprendizado acontecer devemos trabalhar algo próximo da realidade dos alunos para dar significado ao que está sendo ensinado para que este se aproprie do conhecimento fazendo sentido em sua vida. O construtivismo é uma aplicação prática, na área da educação, das teorias de Lev Vygotsky e da epistemologia genética de Jean Piaget. Conforme Nunes: “Construtivismo é uma teoria sobre a origem do conhecimento que considera que a criança passa por estágios para adquirir e construir o conhecimento” (NUNES, 1990, p.22).

Acredito no construtivismo na sala de aula, pois ele torna o ensino mais significativo para o aprendizado do aluno a partir suas vivências de cotidiano. Segundo Sanchis e Mahfoud, “Uma idéia fundamental do construtivismo era não considerar o conhecimento como a reprodução de uma realidade independente de quem a conhece” (SANCHIS e MAHFOUD, 2010, p. 20). Os autores afirmam que Piaget buscava encontrar os mecanismos que “possibilitam a construção do conhecimento pelo sujeito, que se constitui nessa construção através de uma interação radical com o objeto do conhecimento” (*idem*).

Se formos ensiná-los afastados do contexto do aluno, de nada adianta esse saber. À medida que fica longe do contexto social este conhecimento vira um tesouro inútil. O professor sobrecarrega seus alunos de uma forma unilateral, que manda informação sem escutar ou estimular a curiosidade e criatividade do aluno, tornando o aprendizado mecanizado.

Se o ensino vira meramente reprodução, ele não ajuda a solucionar o problema, mas vira parte deste. Estamos fazendo apenas a perpetuação de um método que não é eficaz, pois não sana as dificuldades que o aluno encontra na escola ou fora dela e não lhes fomenta a vontade de querer ir adiante em ter o conhecimento.

Quando o aluno é estimulado de forma que traga seu conhecimento de vida as aulas ficam muito ricas em aprendizado significativo, ao mesmo tempo que faz com que se perguntam o porquê das coisas. Não só isso modifica a forma do ensino, como também acaba fazendo com que estes tenham uma participação muito ativa em seu processo de aprendizagem e formação pessoal e social.

A interdisciplinaridade vem a ser uma ferramenta no meu projeto, porque ligou a disciplina de Ciências da Natureza com o teatro, de forma que uma veio a ser complementada pela outra, fazendo que ocorresse uma melhor associação do que estava sendo ensinado dentro do universo do aluno, possibilitando que este visse muitas vezes

um mesmo problema de diferentes ângulos, e assim encontrando soluções e aparecendo novas indagações sobre estes mesmos. Conforme relatado no livro de *Práticas interdisciplinares na escola*, de Ivani Fazenda:

[...] de nada adianta questionar os alunos, se eles não tem como a oportunidade de discutir, de refletir, no sentido de se conscientizar da necessidade da busca da resolução dos problemas ensino/aprendizagem, a partir de um trabalho coletivo, em sala de aula alunos e professores juntos (2001, p.44).

Confesso que nunca havia ouvido falar de autonomia, no sentido educacional, até o ano em que fui apresentado à pedagogia de Paulo Freire, há muito anos atrás em minha primeira graduação em Licenciatura em Química com Habilitação em Ciências da Natureza. Mas vejo o quanto é vivida e mais necessária nos tempos atuais.

A figura do professor na sala de aula não como detentor do conhecimento, apenas a ser transmitido para aqueles que tem a sede de conhecimento, mas como alguém a mediá-la deixando que o aluno tenha ação participativa na criação deste conhecimento, que irá constituir na sua vida mais uma etapa para seu crescimento individual e social.

Quando o professor não age assim diante da realidade do aluno, não o ajudamos nisso e muitas vezes os tornamos sujeitos heterônomo, tirando sua capacidade de pensar por si só, deixando alienados em sua interação com o mundo que os cerca.

Resolvi utilizar os Jogos teatrais da Viola Spolin neste projeto para que os alunos tivessem uma noção básica do teatro, introduzindo com isto o personagem, o espaço, a improvisação e a expressão de maneira lúdica ao aluno. Pois a questão do lúdico se faz presente em sua vida. O lúdico é usado desde que somos pequenos como forma de aprender, desde a memorização, na interação com objetos, no desenvolvimento de movimentos, mesmo que estes muitas vezes não se deem conta.

Viola Spolin foi diretora e autora de teatro, uma das pioneiras no teatro improvisacional. Com os jogos teatrais cria uma metodologia de práticas teatrais que permite um grande interação com lúdico, focando na base teatral, trazendo a concentração, a criatividade, organização, atenção, situando o espaço e formas de expressar, questionando o que é o limite da cena e onde não faz parte mais da cena. Conforme dito na dissertação de Libéria Rodrigues Neves, *O uso dos Jogos Teatrais na Educação: uma prática pedagógica e uma prática subjetiva*:

[...] na idéia de que o nível intuitivo, presente na experiência, seja vital para qualquer situação de aprendizagem, defende atividades baseadas no estímulo da espontaneidade e práticas didáticas fundadas na ludicidade. Destaca a relação da brincadeira com a criação artística, pois, ao brincar, a criança sentir-se-ia inteira e com todos os seus sentidos entregues à proposta (2006, pag. 90)

A escolha de trabalhar com os Jogos do Teatro do Oprimido do Augusto Boal, deu início à segunda parte deste projeto, pois me surgiu como a melhor maneira de interligar os saberes da sala de aula com os saberes trazidos pela vida dos alunos. Com isso, tive a intenção de abordar temas que discutidos pelos alunos durante as explicações nas aulas, e que veio a trazer uma experiência muita mais rica para eles, sabendo que os temas de seus interesses estavam ali, concentrando-se no que estava fazendo e tornando-os totalmente autônomos nas escolhas. Também fez com que considerassem sobre outras alternativas que antes não eram vistas e que podiam ser refeitas, demonstrando um desfeche diferente da situação inicial.

Augusto Boal foi um grande dramaturgo, diretor, ensaísta contemporâneo internacional. Tem como seu principal legado a criação do Teatro do Oprimido, que alia o teatro à ação social transformando o espectador em coautor da ação no palco da cena apresentada, assim fazendo este refletir e assumir de maneira consciente autonomia para resolver problemas, dilemas que aparecem em sua vida diária. Segundo Libéria Rodrigues Neves:

Boal (1975) propõe sua “Poética do Oprimido”, que promove o teatro como ação e aplicação: na luta social, na política, na pedagogia, na psicoterapia, na cidade, no campo, no trato com problemas pontuais de uma região ou nos grandes problemas econômicos de um país inteiro (2006, p. 92).

Capítulo 2 – O começo de uma nova caminhada: da graduação em Teatro – Licenciatura ao surgimento do projeto

O primeiro contato que tive com o teatro foi aos 7 anos idade quando minha turma foi levada para assistir uma peça de teatro que falava a respeito de uma mágica atrapalhada, lembro que fiquei acreditando que aquilo era real tanto que no fim da peça estranhei ver a atriz, fora das roupas da personagem.

Mais tarde ao fim do ensino fundamental nossa professora de religião queria que fizéssemos trabalho mais prático, ela sugeriu uma peça de teatro. Como nenhum professor até momento tinha proposto a nossa turma um trabalho desse tipo, ficamos na época empolgados. No dia da apresentação lembro que me esquecia das falas, até pensei em desistir quando vi a plateia que os alunos das outras turmas estavam lotando a sala. Entramos no palco e embora nervosos conseguíamos desenvolver a peça e me sentia bem em estar atuando no palco, como se estivesse em casa. Após o fim da apresentação lembro de alívio e satisfação por esse trabalho.

Pensei em fazer um curso superior de Teatro por um bom tempo, só que na região sul do Rio Grande do Sul, (no caso Rio Grande ou Pelotas) naquele tempo não existia curso de Teatro, e os cursos informais que tinham quando aparecia algum eram caros. Então deixei de pensar no teatro, por um tempo e fiz mais tarde curso de Licenciatura em Química na Fundação Universidade de Rio Grande (FURG), onde comecei a gostar de ser professor ao perceber que ajudava os alunos na construção do conhecimento de forma útil na vida deste. Quando comecei a lecionar no ensino fundamental na disciplina de Ciências, uma vez dando aula observei que os alunos discutiam o fim dos vestibulares específicos para cada Instituição de Ensino Superior e a chegada do ENEM² como maneira de ingressar na faculdade e como eles achavam que este era mais difícil de fazer do que o vestibular, por curiosidade resolvi fazer ENEM, só faltava o escolher o curso. Olhei as possibilidades de cursos que a FURG oferecia mas nenhum me atraía, quando resolvi olhar os cursos da Universidade Federal de Pelotas e vi que existia o curso de Licenciatura em Teatro.

² O ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) tem como uma de suas funções avaliar e selecionar estudantes de todo o país para instituições federais de ensino superior.

Lembro que fiquei eufórico quando soube de minha aprovação. Ao cursar Teatro, fui notando que a área dentro do curso na qual mais gostava de atuar eram aquelas em que nós os alunos organizávamos as atividades para os colegas. Isso mostrou que, embora estivesse atuando, gostava mais de ensinar teatro, o que veio a se confirmar nos estágios do curso, e quando junto com a professora de Artes Visuais de uma escola em que trabalhava montamos um grupo de teatro dentro da escola.

Notei nesta época que os alunos que faziam parte do grupo de teatro nesta escola estavam se saindo mal nos estudos das outras matérias, o que era bastante estranho, pois os alunos sabiam suas ações e falas de seus personagens e dos colegas, e comecei a me lembrar das aulas de alguns dos meus colegas professores, de como eram fechados em relação a trabalhos com outras disciplinas.

Dentro desta minha trajetória do curso tive muitas experiências que contribuíram na minha formação como professor de sala de aula, como nas disciplinas de *Expressão Vocal I e II* ensinadas pela professora Rochele, aprendi a usar a minha respiração, e a voz de maneira melhorá-la e também poupá-la para não desgastá-la, pois conheço professores que começam a semana falando com a voz normal e na sexta feira estão roucos, de tanto que falam alto dentro das turmas.

Nas disciplinas *Teatro na Educação I e II*, com a professora Fabiane Tejada, relembrei da importância de trabalhar com o lado lúdico tanto como aluno quanto professor quando trabalhei com o teatro da Viola Spolin, como este teatro me despertava minha concentração, chamando minha atenção tanto no que aprendia e no que desenvolvia de atividades para meus colegas na aula. Quando começaram os estágios no Ensino Fundamental e no Ensino Médio usei muito do que aprendi em *Teatro na Educação* na questão lúdica das crianças, em que trabalhei com o teatro de sombras com os alunos, que criavam suas histórias e alguns permitiam que seus colegas participassem cooperando uns com outros. No estágio do Ensino Médio lembro que nem sempre o que planejamos deu certo. Eu e minha colega tínhamos planejado inicialmente aulas de teatro com rádio novela. Ao ouvirmos os alunos, eles não gostaram da ideia, e assim resolvemos por fim mudar nossos planos de aulas para algo que buscasse mais interação com estes alunos como a improvisação e a expressão corporal. Acabei aplicando muito do que me foi ensinado na faculdade, inclusive a improvisar quando a aula planejada para o aquele dia não dá certo.

Nas disciplinas de *Montagem Teatral*, com a professora Lindsay Gianoukas, me vi desafiado a fazer coisas, as quais não pensava em fazer no teatro, como cuidar de

outros aspectos além de atuar. Em *Montagem Teatral I* na nossa adaptação da peça *Campeões do Mundo*, de Dias Gomes, além de atuar fui responsável juntamente com outro colega pela iluminação de nossa montagem. Na disciplina de *Montagem Teatral II* me desafiei a fazer outra coisa, que foi sonoplastia, sendo que esta montagem foi inspirada em nossas vivências e contribuições construídas pelo grupo da disciplina. Notei nisto o quanto podemos ensinar e aprender sem encarar o que está sendo ensinado uma via mão única, sendo assim ao mesmo tempo em que aprendia algo, também ensinava. Tanto que levo isso para dentro da sala de aula quando ensino, que posso ensinar e também aprender com os alunos e eles consigo mesmos.

Mais tarde quando fiz a disciplina de *Metodologia de Pesquisa* tínhamos que fazer um pré-projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, quando resolvi que queria trabalhar de maneira interdisciplinar o teatro e as ciências, porque como professor em ambas sei que elas podem vir muito a contribuir na formação dos alunos. Pois a experiência de estudar em um Curso de Licenciatura em Teatro me possibilitou vivenciar o aperfeiçoamento de minha atual profissão como professor de Ciências, utilizando ensinamentos adquiridos no decorrer dessa graduação, como uma melhor oratória, desenvoltura na sala de aula, cuidados com a voz, entre outras coisas.

Com esta visão adquirida, entendi que uma proposta pedagógica que trouxesse possibilidades de trabalhar o teatro inserindo na realidade escolar traria benefícios ao aluno no seu desenvolvimento intelectual, social, artístico, crítico. Na perspectiva do ensino de teatro, quando propomos a criação e desenvolvimento de esquetes ou peças os alunos vão produzir dentro desta área, trazendo o que foi realmente de significativo para este o que lhe foi ensinado.

Ao ver alunos trabalharem no grupo de teatro dentro da escola, soube que estes mesmos alunos que estavam se saindo bem no teatro estavam se saindo mal nas disciplinas curriculares. Perguntei a alguns deles o porquê disso, e a resposta que não era interessante ou não se viam motivados. Sendo eu professor de Ciências em outra escola, a partir disto fiz uma reflexão: será que se mudássemos o método que trabalhamos teríamos mais motivação e interesse dos alunos na interação destes com o que estava sendo ensinado nas disciplinas?

Capítulo 3: Era uma vez uma experiência pedagógica

3.1. O primeiro contato, tentando aplicar a ideia

O projeto integrou o teatro com a disciplina de Ciências do Ensino Fundamental, visando despertar o interesse do aluno sobre o conhecimento que foi ensinado através desta interdisciplinaridade. Seu desenvolvimento foi realizado através de atividades didáticas com os jogos teatrais e tópicos de ciências (corpo humano, meio ambiente etc). Onde num primeiro momento para que tivesse um entendimento do teatro foram ministradas aulas dos jogos teatrais da Viola Spolin (2001) para que aluno tivesse uma noção de improvisação, expressão corporal, personagem, etc. Depois disso foram inseridos os jogos teatrais de Augusto Boal (1998) trazendo para mais próximo de suas realidades, unindo com os tópicos de ciências abordados, os quais deram o fundo da história para realização dos jogos.

Com esta experiência de teatro na disciplina de Ciências, tentei ampliar o conhecimento dos alunos sobre o teatro, além estimular através deste o interesse dos alunos na matéria estudada em ciências da natureza.

Trabalhei com a turma do 8º ano da Escola de Ensino Fundamental Adelaide Alvim, que fica no município de Rio Grande - RS, em aproximadamente um trimestre letivo, com alunos com idade 12 a 16 anos. Foram escolhidos pelos próprios alunos assuntos a serem apresentados na aula através de uma caixa sugestões os temas foram abordados na aula de Ciências e depois nas oficinas com o teatro de Augusto Boal. Na aula de Ciências fazia uma pequena sondagem para compreender o que sabiam a respeito do assunto escolhido e depois de sanar algumas de suas dúvidas (avaliação diagnóstica), na aula seguinte trabalhávamos o tema com os jogos teatrais para atores e não atores do Augusto Boal (1998) que podiam se encaixar dentro da temática escolhida por eles.

Vendo que os alunos apresentavam bastante dificuldades em conteúdos já ensinados anteriormente, notei que era necessário reformular minhas aulas com uma nova abordagem, a partir disso acrediro que teatro poderia me ajudar a ensiná-los vindo a somar o que antes eu tentava somente pelo viés das Ciências, que o teatro poderia me

dar esse complemento que eu procurava para ensinar, já que com só a Ciências não estava me mostrando resultados muito satisfatórios.

Tendo em vista que teatro possui diferentes tipos abordagens e técnicas bastante interessantes, me foquei no nos jogos teatrais da Viola Spolin. O que me fez querer usá-lo neste projeto é a interação que permite com o público adolescente, além de servir como uma base de apoio, porque muitos dos alunos não tinham ideia do que era o teatro. Trabalhei em 5 encontros técnicas de concentração, exploração do espaço, expressão corporal, improvisação, personagens. A partir disso vi que para aproximar da realidade do estudante poderia usar os jogos do livro *Jogos para atores e não-atores* (1998) do Augusto Boal o qual fiz mais 5 aulas nas quais eles poderiam incorporar o conteúdo que estava sendo nesta época ensinado em Ciências, temas como sistemas reprodutores, gravidez, sexualidade, e outros que foram surgindo com esta interdisciplinaridade como preconceito, racismo, violência sexual, bullying.

Essas aulas aconteciam tanto ao ar livre quanto ambiente fechado numa sala de aula. Enquanto abordava num dia o conteúdo na disciplina de Ciências, na outra aula passávamos para o Teatro.

Minhas preocupações pedagógicas com esta prática foram de que talvez em primeiro lugar os alunos não aceitassem a proposta da inserção do teatro nas aulas, o que já inviabilizaria meus planos didáticos, e a partir disso poderiam não levar a sério as atividades propostas. Nesse ponto fiquei aliviado pois à medida que as aulas iam acontecendo notava que os alunos que não tinham vontade de participar, ou tentando não deixar as atividades acontecerem começaram a participar, e em alguns casos cobravam comprometimento dos colegas. Como exemplo tinha uma aluna que não queria a princípio participar, e sempre agia contra as atividades propostas, nestas situações eu dizia a ela que não era obrigada a participar. Duas aulas depois fiz uma atividade que eles tinham que montar uma cena parados de uma situação qualquer como se fosse fotografia do lugar, para minha surpresa ela quis participar e ajudou outros colegas que não tinham ideia do que podiam fazer na cena. Nas aulas seguintes ela continuou participando e que chamava atenção de outros que se distraiam da atividade proposta.

Tendo em vista minha postura como professor de Ciências sempre almejo que os alunos mostrem responsabilidade e comprometimento com os estudos, para que possam crescer dentro de suas realidades, sendo esta uma tarefa nada fácil de se conseguir. Ao trabalhar com o teatro tenho um posicionamento mais solto, pois acredito que parte mais

deles do que mim, então quando as aulas começaram os alunos acharam estranho meu comportamento ao não cobrar que todos fizessem as atividades, algo que se fosse na aula de Ciências aconteceria. Por o teatro tratar do lado mais subjetivo da pessoa sei que nem todos conseguiriam a princípio participar de forma ativa, que todos têm seu tempo. Não se pode achar que se hoje plantou num canteiro, todas as plantas vão germinar ao mesmo tempo, e do mesmo modo, cada aluno é único em sua forma de ser agir. Sabia que se inventasse que todos fizessem as atividades ao mesmo tempo, muitos não se sentiriam à vontade. Deixei que quando se sentissem seguros que eles mesmos se inserissem na aula, e quando não queriam participar da atividade proposta eu não iria forçar a participação, algo que não me arrependo em nada, pois nesse ponto o comprometimento e a vontade de participar no teatro tem que vir do aluno.

Outro de meus receios foi por perceber que muitos não tinham ideia do que se tratava o teatro, podia ser que acabassem achando que o teatro era brincadeira. Lembro de já ter passado por situação semelhante anos antes quando alunos de uma outra escola descobriram que eu cursava a faculdade de Licenciatura em Teatro. Disseram que era bobagem. Perguntei se alguém tinha noção do que era o teatro a resposta mais próxima foi novela. Perguntei se algum deles já havia assistido alguma peça de teatro, todos disseram que não. Alguns meses depois haviam fixado no mural da escola que uma escola na Vila da Quinta iria apresentar uma peça no Teatro Municipal do Rio Grande. Com autorização da escola propus aos alunos que fôssemos assistir, e muitos foram. Por conta de situações como esta que tive receio de trabalhar as atividades teatrais. Porém, à medida que desenvolvia, acredito que esta preocupação se desfazia vendo a dedicação dos que participavam.

3.2. Jogos: de Viola Spolin a Augusto Boal

Dando início à parte prática do projeto, nas primeiras aulas trabalhei com as técnicas dos jogos teatrais de Viola Spolin. Em nossa primeira aula de teatro fomos ao pátio, o que já por si chamou atenção dos alunos por terem de sair do ambiente sala de aula. Fizemos atividades de aquecimento, concentração, improvisação. Na atividade do jogo do número com associação de ações. No *jogo do número com a ação*, o qual os alunos faziam uma determinada ação ao ouvir o número de 1 a 10, por exemplo: 1 correr, 2 equilibrar-se em uma perna, 5 imite um monstro, podendo alternar e repeti-los.

Alguns alunos preferiram não participar tendo em vista que estávamos no pátio e por isso não se sentiram à vontade, com os olhares dos alunos de outras turmas os observando pelas janelas das salas de aula que tem a vista para pátio. A maioria dos alunos no entanto participaram.

Na segunda aula os alunos tiveram dificuldades na concentração no *jogo da palma*, o qual aprendi numa aula que colegas ministravam para outros no curso Teatro-Licenciatura da UFPel. Este jogo consiste formar um círculo, em seguida a pessoa que começa tem olhar para outro participante e faz um gesto de passar a palma direita pela esquerda e a pessoa que recebeu aquela palma faz o gesto ao contrário, da esquerda para a direita. Tendo em vista que exige atenção e ao mesmo tempo coordenação de ação, os alunos meio que se atrapalhavam para quem enviar as palmas e a ação com as mãos.

Na sequência fizemos o jogo de contar história e tentar tirar o pano que servia de cauda do colega, o *jogo do rabo*. Neste jogo são utilizados dois lenços que serão dados a dois participantes para que coloquem presos em si como um rabo, mas fáceis de serem retirados. A partir disso tentarão tirar um o rabo do outro enquanto ficam contando um acontecimento ou uma história. O participante que conseguir tirar o rabo do outro continua e outro é escolhido. Eles acabavam se esquecendo de contar a história enquanto tentavam tirar a cauda do colega, o que é compreensível, pois o jogo já tem que ter a concentração natural e ainda contar a história. Fazer uma ação e ao mesmo tempo ter que fazer outra coisa que não está relacionada torna difícil prestar atenção naquela ação em si. Embora eu reservasse o tempo no final das atividades para conversar, para saber o que tinham achado das atividades propostas, eles não falavam muito.

Na outra aula fizemos o *jogo de espelho*, jogo que propõe que o aluno fique mudo e imite todos os gestos da pessoa que está na sua frente, de forma espelhada. Observei que os alunos conseguiram se concentrar mais do que na aula anterior. Também nessa aula fizemos *jogo de identifique a profissão e o local*, baseado no fichário da Viola Spolin (2006). Neste jogo os participantes são divididos em pequenos grupos, e eles terão que encenar o local ou a profissão sem o uso das palavras, somente com gestos. E os demais grupos após o término da apresentação terão que identificar a profissão ou o local.

A partir desse ponto vi que as aulas estavam começando a engrenar, pois além dos locais ou profissões que eu já havia planejado para começar a atividade, os alunos se apropriaram do jogo ao escolherem por vontade deles outros locais e profissões.

Na aula seguinte trabalhei com o *jogo da fotografia* em cena, no jogo os participantes têm que construir uma cena de um determinado local fazendo um gesto e ficarão paralisados neste gesto e o outro entra em cena e fará outro gesto e ficará paralisado também, até que todos entrem em cena fazendo algo que esteja relacionado ao tema. Esta atividade foi a primeira que consegui com que todos que estavam presentes na aula participassem. Mesmo uma aluna que não se animava participar das aulas, com este jogo ela se empolgou e entrou na cena, ajudou colegas que não tinham ideias de como participar da cena e chamou a atenção de quem se distraia.

Aos poucos eles foram se habituando à rotina da dinâmica das aulas, já organizavam o local que faríamos as aulas de teatro sem que eu pedisse, sempre que essa não fosse ocorrer no pátio, ou na sala de jogos. Alguns começavam a fazer alguma atividade de aquecimento.

Em nossa última aula com Teatro da Viola Spolin os jogos correram como esperado na concentração, embora começassem a rir um pouco no *jogo da blablação* baseado no fichário da Viola Spolin (2006). Neste jogo, os participantes devem montar uma cena na qual eles podem usar gestos e emitir sons, mas não podem falar. E os outros que estavam observando a cena deveriam identificá-la.

Até esta etapa do projeto foi gratificante ter utilizado os jogos teatrais da Viola Spolin, tanto para mostrar o universo do teatro para aqueles que não tinham conhecimento a respeito, quanto por conseguir também despertar o interesse, a concentração, a criatividade dos alunos.

Após a apresentação da última atividade deste dia, aproveitei também o encontro para explicar o que faríamos na sequência a trabalhar com os jogos Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Disse a eles que interligaríamos com a matéria da área de Ciências da Natureza a qual estávamos vendo ou já tivéssemos visto de forma que escolhessem o assunto, escrevessem num papel coisas que eles queriam discutir, sem precisar que se identificassem. Recolhi os relatos, colocando todos numa caixa.

Os temas escolhidos foram gravidez, homofobia, bullying, sexualidade, depressão, meio ambiente, estupro.

A escolha destes temas por eles mostrou algo bem próximo de suas realidades, pois no bairro onde se situa a escola é comum a gravidez precoce, a questão da poluição do meio que os cerca. A questão da sua orientação sexual, sem que por isso sofra homofobia, o bullying sofrido no próprio ambiente escolar ou na rua, o medo do estupro que pode acontecer na rua, ou pior dentro da própria casa.

Em nossa primeira aula com os jogos do Augusto Boal pedi que fizessem a representação do bullying com uma cena em seu corpo, individualmente. Em seguida passaram para atividade em grupo, com a proposta de criar uma cena sobre o bullying, representando no corpo do outro a cena. No primeiro tiveram um pouco de dificuldades, tanto que ao fim de cada uma das apresentações eu perguntava à turma se haviam entendido o que o colega fez, eles comentavam e a partir disso eu perguntava como o colega poderia refazer essa cena e os alunos davam suas sugestões: “levanta o braço”, “baixa cabeça”. No jogo que um coordenava a cena no corpo dos outros senti em alguns a tensão que aquelas cenas causava, talvez porque vivenciaram ou já haviam visto alguém passar por elas.



Imagen 1: Aluno participando da representação do bullying com uma cena em seu corpo

FONTE: o autor.



Imagen 2: Aluno participando da representação do bullying com uma cena em seu corpo.

FONTE: o autor.

Na segunda aula foi trabalhado o jogo *O espelho múltiplo do olhar dos outros*, (pag. 290 do livro *Jogos para atores e não-atores* de Augusto Boal) que possui como ponto de partida uma cena improvisada, escolhida por um dos integrantes mostrando uma cena de opressão que sofre ou já sofreu. Após improvisação da cena os outros grupos devem mostrar em cena através de seus corpos como se sentiram.

Para esta aula escolhi os temas da homofobia, e da sexualidade. Os grupos neste jogo tiveram dificuldades, embora uns tenham seguido os temas propostos, outros em sua apresentação de cena, não se sentiram à vontade. Sugeri uma pequena mudança para que concluíssem o jogo: mudei o tema para preconceito de forma que conseguissem fazer.

Com a mudança do tema para aqueles que não conseguiram fazer seguindo a proposta original apareceu racismo, preconceito de classes. Na parte da representação das cenas pelos outros colegas em ambas temáticas sempre aparecia a figura de alguém encolhido, outro com a expressão de tristeza.

A terceira aula trabalhei com o jogo *Imagen da voz e imagem do corpo*, um jogo que possui diferentes variantes, e delas utilizamos *Cyrano de Bergerac* e *Hamlet* (2012, p. 301). Na variante *Cyrano de Bergerac* o protagonista fala e as imagens atuam diante dele, ou ele se esconde e as imagens falam, como se fossem o protagonista. Na variante *Hamlet* uns atores fazem diálogo, outros fazem as ações.

Nesta aula o tema proposto foi meio ambiente. Os alunos foram separados em grupos e dentro dos grupos escolhiam quem ia falar e quem faria as ações. As situações mais comuns apareceram em temas como desde poluição da água, o lixo sendo jogado na rua ou em terrenos baldios. Conversamos a respeito de possíveis soluções durante as apresentações, o que poderia ser mudado, surgiu uma solução de grupo encenando a chegada de um guarda multando quem estava sujando o meio ambiente, outro colocando o lixo nas lixeiras.

Na quarta aula foi trabalhado os seguintes jogos *Imagen da escolha* (p. 303) e *Uma história contada por muitos atores* (p. 307). No jogo *Imagen da escolha* os primeiros protagonistas seguem sua improvisação de acordo com a escolha que fizeram, outros atores retomam a cena a partir dessa escolha, fazem a escolha oposta e seguem improvisando por essa nova possível trilha. No jogo *Uma história contada por muitos atores*, um ator começa uma história, que é continuada por um segundo ator, e depois por um terceiro até que todo do elenco tenha contado essa história. Ao lado deles, outro grupo de atores interpreta em mímica a história que está sendo contada.

O tema escolhido foi depressão sendo que no jogo *Imagen da escolha* os alunos conseguiram interagir de forma dinâmica, conseguiam mostrar uma forma de depressão e outros grupos saindo dessa forma de depressão. Porém no jogo *Uma história contada por muitos atores* eles se atrapalhavam na parte de elaborar a história, que os atores que faziam mímica ficavam parados esperando até que se desenvolvesse mais história contada.

Em nossa última dessa parte do projeto foi trabalhado o *Máscaras e rituais* (p. 285) os atores em duplas criam um ritual, mas depois as duplas trocam as máscaras mãe-filho, professor-aluno, e o *Imagen da ausência* (p. 302) colocam-se em cena o personagem que faz falta, cuja ausência determina o comportamento do protagonista. O

tema escolhido para essa aula foi a gravidez precoce. Nesse tema a turma criou situações desde a filha que é expulsa de casa pela família, pelo pai, ou do namorado que a abandona quando descobre a gravidez da namorada. Na troca os meninos acabavam levando a situação um pouco para o cômico quando se viam como as mulheres.

No jogo *Imagen da ausênci*a, alguns deles sentiram dificuldades em fazer por não conseguirem imaginar uma pessoa que não estava presente. Pedi que utilizassem o que tinham feito no jogo anterior e imaginassem a ausência de um dos personagens na cena, uma imaginou a briga que teve com namorado por este não querer a criança, outra que uma amiga ajudava a tomar um medicamento para abortar.



Imagen 3: Alunos participando refazendo a cena FONTE: o autor.

Considerações finais

A experiência em si deste projeto me fez abrir mais a minha perspectiva de ensino, me possibilitando uma nova forma de ensinar aos alunos. Percebi isso quando vi que aconteceu a interdisciplinaridade na prática, pois vi o que havia explicado nas aulas de Ciências da Natureza aparecia nas aulas de teatro, assim como vi uma melhora também dentro das aulas de ciências.

Do ponto de vista educacional acredito na construção do conhecimento trazido para a realidade do aluno, quanto mais próximo desta realidade, mais o aluno pode usar em sua vida cotidiana em algum momento.

Tendo como papel educar essa geração de futuros cidadãos temos que sempre criar meios para que o ensino sirva de prática em suas vidas e não seja apenas uma mera reprodução de conteúdos, só para que passem de ano e depois esqueçam daquilo. Como educador penso, me questiono: como o ensino pode ajudar em suas vidas? Tento a partir disso criar novos meios de ensinar. Um foi este projeto, o qual consegui realizar com interdisciplinaridade com o teatro. Sei que este ainda não está completo, pois tem pontos que ainda precisam ser melhorados e outros substituídos na forma como foi ensinado em ciências e no teatro, mas vi o quanto enriquecedor foi este projeto tanto para mim, quanto para os estudantes.

Durante o desenvolvimento deste projeto pude observar que me sentia bastante à vontade com as aulas e os temas propostos por eles. Acredito que através do afeto pode-se alcançar uma aprendizagem melhor, tornando o processo mais prazeroso. Dentro do tempo que foi feito acredito que esta tenha sido uma experiência gratificante, pois consegui com que boa parte se interessasse nas aulas não só pela parte do teatro como também nas aulas de ciências. Vi que nem tudo conheço a respeito deles, aprendi com eles e tenho vontade de lecionar ou abrir um grupo de teatro dentro da escola. E que futuramente posso vir fazer este mesmo tipo de projeto com algumas turmas.

O que terei que rever são as minhas práticas para saber o que funcionou e o que não deu certo, reformular de modo que esta seja sempre uma experiência criativa, crítica, e possa ser apreciada pelos alunos despertando seu interesse de forma mais ampla e aumentando sua visão de mundo.

A observação que faço de modo geral foi que a interdisciplinaridade proposta por mim dentro do projeto foi válida, pois assim foi introduzido um novo meio para eles adquirirem conhecimento, o que me permitiu observar uma mudança nem que fosse pequena em todos. Esta experiência me tirou da minha forma de ensinar cotidiana, fazendo rever meus métodos de ensino e considero este projeto apenas como um protótipo a ser melhorado, pois precisarei rever aulas, assim como inserir outros conteúdos, tendo em vista continuá-lo, aplicar em outros anos do ensino.

Algumas atividades tiveram resultados além do imaginado por mim devido à forma como foi executado pelos alunos. Por exemplo: alguns alunos e alunas que não participavam das aulas de Ciências começaram a ter uma participação mais ativa na sala de aula, interagindo mais; além disso, notei que passaram a ter uma atitude mais reflexiva diante de suas próprias ações, como o bullying.

Foi uma surpresa a criatividade dos alunos quando achei que não desenvolveríamos muito em alguns pontos. Também foi uma surpresa o fato de trabalharmos outras coisas fora do eixo temático em questão, mas pertinente a coisas que ocorrem dentro da escola e na vida do aluno como questões de preconceito, bullying, violência.

Como professores estamos tão acostumados a controlar tudo que acontece de forma geral dentro da sala de aula, o que torna difícil largar desse controle e deixar o aluno mais autônomo no decorrer da aula. Também tememos que este tempo não seja aproveitado de maneira propícia para seu crescimento pessoal, e que aula apenas torne-se uma distração para matar tempo. Porém devemos fazer isto para que os preparemos para vida, para não cercear seu desenvolvimento e assim possam se preparar e interagir melhor com sua realidade.

Acredito que a passagem do adolescente para a vida adulta não tem um momento preciso, é um processo gradual, é quando ele começa a tomar as decisões de forma mais ativa para sua vida.

Lembro quando dou aula para 9º ano, no começo do ano falo para eles que não vou mais insistir que façam os trabalhos ou que tenham sempre seus cadernos em dia. Digo a eles que têm de ter um pouco mais de responsabilidade sem que alguém estejam os pressionando para isso.

Uma das coisas que gosto em ser professor é o fato que podemos modificar a maneira de ensinar para o aluno, que não somos obrigados a ficar estagnados no modo de ensinar a estes, podemos ensiná-los de diferentes formas criativas que estimulem

diversas facetas no seu desenvolvimento intelectual e pessoal, tornando o ensino um aprendizado dinâmico e desafiador para ambos, professor e aluno.

Uma lembrança de quando isso acontece é o início do ano nas aulas no Ensino Médio para turmas de 1º ano, turma para a qual leciono Química; nesta disciplina ao invés de sair dando conteúdos como atomística, modelos atômicos, elementos químicos, procuro explicar primeiro como os cientistas chegam aos resultados. Eu tento introduzir a ideia de o porque os cientistas fazem isso. Pergunto a respeito de algo, por exemplo: “como se forma a chuva?” em seguida eles explicam como acontece. Então digo: “isso vocês sabem como acontece, pois estes fenômenos foram estudados, mas imagina o homem das cavernas como ele via a chuva, ou o raio que acertava um companheiro de caça a que ele atribuía tais acontecimentos? A resposta para o desconhecido neste caso era um Deus. Até que alguém começou a estudar tais fenômenos e visse que isso não acontecia por esses motivos, que começou a fazer experimentos, observá-los e criar hipóteses”.

Sempre que possível tento tornar este aprendizado significativo para aluno, fazendo com que seja pertencente a sua realidade, dando uma oportunidade de se apropriar do conhecimento para ajudá-lo na resolução de problemas de sua vida cotidiana e em sua formação crítica e social como futuros cidadãos.

Vejo que este projeto conseguiu alcançar bons resultados, levando a pensar como podemos conseguir uma maior interação do aluno na sua participação na sala de aula, fazendo com que sejam mais atuantes. Como educadores temos um papel a cumprir de ensinar sem que isso torne-se mais difícil. Talvez o que falte mais dentro da sala de aula sejam políticas de fato que visam ao aprendizado do estudante.

Com o tempo necessário projetos como este, em que consegui atuar em duas áreas de forma interdisciplinar, podem surgir ou serem refeitos e aprimorados, e abrindo novas possibilidades de ensino.

Referências bibliográficas:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

NUNES, Terezinha. Construtivismo e alfabetização: um balanço crítico. **Educ@ Revista,** Belo Horizonte, 1990. Disponível em:
<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n12/n12a04.pdf>

FAZENDA, Ivani. **Práticas interdisciplinares na escola.** São Paulo: Cortez, 2001.

SANCHIS, Isabelle de Paiva e MAHFOUD, Miguel. Construtivismo: desdobramentos teóricos e no campo da educação. **Revista Eletrônica de Educação.** São Carlos, SP: UFSCar, v.4, no. 1, p. 18-33, mai. 2010. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na Sala de Aula.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais:** o fichário de Viola Spolin. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ANEXO: PLANOS DE AULA

PLANO DE AULA Nº. 01

Conteúdo/ foco:

- Aquecimento corporal, concentração e foco.

Atividades propostas: Jogo da bolinha, telefone sem fio, jogo de números com ações.

Recursos materiais: Sala ampla e bolinha de tênis.

Avaliações: Conversa com o grupo ao fim do encontro.

1. Objetivo geral: Promover a interação social entre os alunos.
2. Conteúdos: Desinibição e percepção.
3. Desenvolvimento da aula:

Atividade 1: Aquecimento Corporal;

Atividade 2: Jogo da bolinha

Neste jogo se faz uma roda com os alunos, onde o participante em que está com a bolinha tem que olhar para a pessoa que vai receber a bola e essa pessoa deve olhar reciprocamente. Ao arremessar o participante deve dizer o número 1, e o participante que pegou a bolinha deve dizer o mesmo, mas irá acrescentar o número 2, então dirá 1,2, o terceira participante fará o mesmo acrescentando o 3 e dizer 2,3, o máximo que conseguirem até a bolinha cair no chão. Se a bolinha cair no chão ou o participante dizer o número errado da sequência o jogo irá começar do início.

Atividade 3: Telefone sem fio

Os participantes são reunidos em fila indiana e o primeiro da fila receberá uma frase a qual deve ser repetida em voz baixa ao ouvido do segundo que irá repetir ao terceiro e assim sucessivamente, até o último da fila que repetirá em voz alta.

Atividade 4: Jogo do número com ações.

Neste jogo se fará uma ação pré-determinada ao se dizer um número. Por exemplo, ao se dizer o número 1 a pessoa pula em uma perna só, 2 os participantes terão que imitar animais etc.

4. Recursos: Sala ampla e bolinha de tênis.
5. Avaliação: Conversa com o grupo ao fim do encontro.
6. Referências:

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais:** o fichário de Viola Spolin; tradução de Ingrid Dormien Koudela. 2^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PLANO DE AULA Nº. 02

Conteúdo/ foco:

- Aquecimento corporal, concentração e foco, improvisação.

Atividades propostas: Pegador, Jogo da palma, Jogo do rabo.

Recursos materiais: Sala ampla, lenço.

Avaliações: Conversa com o grupo ao fim do encontro.

1. Objetivo geral: Promover a interação social entre os alunos.
2. Conteúdos: Desinibição, concentração e improvisação.
3. Desenvolvimento da aula:

Atividade 1: Aquecimento Corporal;

Atividade 2: Pegador

Neste jogo um dos indivíduos será escolhido para ser o pegador, os demais têm que fugir quando o pegador toca em um deles a pessoa tem que parar de pernas abertas, para que outro participante passe por debaixo dela com a finalidade de desparalisá-lo, o pegador não pode pegar a pessoa que está passando entre as pernas do colega paralisado. Depois de um tempo troca-se o pegador.

Atividade 3: Jogo da palma

No jogo da palma os sujeitos estão dispostos em um círculo em que um olha para um e faz um gesto de passar a palma direita pela esquerda e a pessoa que recebeu aquela palma faz o gesto ao contrário, da esquerda para a direita. Depois essa segunda pessoa escolhe outro círculo para arremessar a palma novamente e assim por diante de forma que se um dos sujeitos errar ao enviar ou receber a palma, o jogo é reiniciado.

Atividade 4: Jogo do rabo

No jogo do rabo são utilizados dois lenços que será dado a dois participantes para que coloquem presos em si como um rabo, mas fáceis de serem retirados, a partir disso tentarão tirar um o rabo do outro enquanto ficam contando um acontecimento ou uma história. O participante que conseguir tirar o rabo do outro continua e outro é escolhido.

Recursos: Sala ampla, lenço.

4. Avaliação: Conversa com o grupo ao fim do encontro.
5. Referências:

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais:** o fichário de Viola Spolin; tradução de Ingrid Dormien Koudela. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PLANO DE AULA Nº. 03

Conteúdo/ foco:

- Aquecimento corporal, concentração e foco, improvisação.

Atividades propostas: Ritmos de caminhada,Jogo do espelho,identifique a profissão ou local

Recursos materiais: Sala ampla.

Avaliações: Conversa com o grupo ao fim do encontro.

1. Objetivo geral: Promover a interação social entre os alunos.
2. Conteúdos: Desinibição, concentração e improvisação.
3. Desenvolvimento da aula:

Atividade 1: Aquecimento Corporal;

Atividade 2: Ritmos de caminhada

Neste jogo os participantes devem caminhar conforme for dito, por exemplo, o professor indicava como eles e/ou alguém em particular deveria caminhar e/ou correr e, ainda, de que forma deveriam fazê-lo, lento, apressado.

Atividade 3: Jogo do espelho

É necessário trabalhar em duplas nesta atividade onde uma pessoa da dupla fará movimentos e a outra pessoa deve imitar como em um espelho, inclusive as suas feições faciais. Depois de um tempo troca-se as funções na dupla.

Atividade 4: Identifique a profissão ou local

Neste jogo os participantes são divididos em pequenos grupos, onde será dito que eles terão que encenar o local ou a profissão sem o uso das palavras, somente com gestos. E os demais grupos após o término da apresentação terão que identificar a profissão ou o local.

4. Recursos: Sala ampla.
5. Avaliação: Conversa com o grupo ao fim do encontro.
6. Referências:

SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin; tradução de Ingrid DormienKoudela. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PLANO DE AULA Nº. 04

Conteúdo/ foco:

- Aquecimento corporal, concentração e foco, improvisação.

Atividades propostas: Jogo da bolinha, Jogo das 3 mudanças, fotografia de uma cena

Recursos materiais: Sala ampla e bolinha.

Avaliações: Conversa com o grupo ao fim do encontro.

1. Objetivo geral: Promover a interação social entre os alunos.
2. Conteúdos: Desinibição, concentração e improvisação.
3. Desenvolvimento da aula:

Atividade 1: Aquecimento Corporal;

Atividade 2: Jogo da bolinha

Neste jogo se faz uma roda com os alunos, onde o participante em que está com a bolinha tem que olhar para a pessoa que vai receber a bola e essa pessoa deve olha reciprocamente. Ao arremessar o participante deve dizer o número 1, e o participante que pegou a bolinha deve dizer o mesmo, mas irá acrescentar o número 2, então dirá 1,2, o terceira participante fará o mesmo acrescentando o 3 e dizer 2,3, o máximo que conseguirem até a bolinha cair no chão. Se a bolinha cair no chão ou o participante dizer o número errado da sequência o jogo irá começar do início.

Atividade 3: Jogo das 3 mudanças

Os participantes são separados em trios, e depois vão para um ambiente afastado dos demais, onde eles farão três mudanças em si. Exemplo, se um participante usava anel passa para outro que não usa, desamarra os cadarços, trocar as peças de cima de roupa etc.

Atividade 4: fotografia de uma cena

Os participantes desse jogo terão que construir uma cena de um determinado local fazendo um gesto e ficarão paralisados neste gesto e o outro entra em cena e fará outro gesto e ficará paralisado também, até que todos entrem em cena fazendo algo.

4. Recursos: Sala ampla e bolinha.
5. Avaliação: Conversa com o grupo ao fim do encontro.
6. Referências:

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais**: o fichário de Viola Spolin; tradução de Ingrid DormienKoudela. 2^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PLANO DE AULA Nº. 05

Conteúdo/ foco:

- Aquecimento corporal, concentração e foco, improvisação.

Atividades propostas: Alongamento, Blablação, Bola imaginaria, Amor e ódio.

Recursos materiais: Sala ampla e bolinha.

Avaliações: Conversa com o grupo ao fim do encontro.

1. Objetivo geral: Promover a interação social entre os alunos.
2. Conteúdos: Concentração e improvisação.
3. Desenvolvimento da aula:

Atividade 1: : Alongamento;

Atividade 2: Blablação

Neste jogo, os participantes devem montar uma cena a qual eles podem usar gestos e emitir sons, mas não podem falar. E os outros que estavam observando a cena deveriam identificá-la.

Atividade 3: Bola imaginária

Neste jogo, o participante deve utilizar a imaginação e demonstrar com o corpo o que acontece com ele e a bola imaginária, sendo que o tamanho e o peso da bola são estipulados por quem está comandando o jogo.

Atividade 4: Amor e ódio

Os participantes são divididos em duplas onde cada dupla escolhe um assunto a ser debatido, e um deles fala com “amor” ou “ódio”.

4. Recursos: Sala ampla e bolinha.
5. Avaliação: Conversa com o grupo ao fim do encontro.
6. Referências:

SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin; tradução de Ingrid DormienKoudela. 2^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PLANO DE AULA Nº. 06

(A partir desta aula o trabalho envolve práticas a partir de Augusto Boal)

Conteúdo/ foco:

- Aquecimento corporal, concentração e foco, improvisação.

Atividades propostas: Alongamento, ilustrar um tema com o próprio corpo; ilustrar um tema com o corpo de outro.

Recursos materiais: Sala ampla e bolinha.

Avaliações: Conversa com o grupo ao fim do encontro.

1. Objetivo geral: Promover a interação social entre os alunos.
2. Conteúdos: Concentração e improvisação.
3. Desenvolvimento da aula:

Atividade 1: : Alongamento;

Atividade 2: Ilustrar um tema com o próprio corpo;

Atividade 3: Ilustrar um tema com o corpo de outro.

Recursos: Sala ampla e bolinha.

4. Avaliação: Conversa com o grupo ao fim do encontro.
5. Referências:

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PLANO DE AULA Nº. 07

Conteúdo/ foco:

- Aquecimento corporal, concentração e foco, improvisação.

Atividades propostas: Alongamento, ritual do cotidiano, o espelho múltiplo do olhar dos outros.

Recursos materiais: Sala ampla.

Avaliações: Conversa com o grupo ao fim do encontro.

1. Objetivo geral: Promover a interação social entre os alunos
2. Conteúdos: Concentração e improvisação.
3. Desenvolvimento da aula:

Atividade 1: : Alongamento;

Atividade 2: Ritual do cotidiano;

Atividade 3: O espelho múltiplo do olhar dos outros.

Recursos: Sala ampla.

4. Avaliação: Conversa com o grupo ao fim do encontro.
5. Referências:

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PLANO DE AULA Nº. 08

Conteúdo/ foco:

- Aquecimento corporal, concentração e foco, improvisação.

Atividades propostas: Alongamento, imagem projetada, imagem da voz e imagem do corpo variantes (Cyrano de Bergerac e Hamlet).

Recursos materiais: Sala ampla.

Avaliações: Conversa com o grupo ao fim do encontro.

1. Objetivo geral: Promover a interação social entre os alunos
2. Conteúdos: Concentração e improvisação.
3. Desenvolvimento da aula:

Atividade 1: : Alongamento;

Atividade 2: Imagem projetada;

Atividade 3: imagem da voz e imagem do corpo variantes (Cyrano de Bergerac e Hamlet).

Recursos: Sala ampla.

4. Avaliação: Conversa com o grupo ao fim do encontro.
5. Referências:

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PLANO DE AULA Nº. 09

Conteúdo/ foco:

- Aquecimento corporal, concentração e foco, improvisação.

Atividades propostas: Alongamento, imagem da escolha, uma história contada por muitos atores.

Recursos materiais: Sala ampla.

Avaliações: Conversa com o grupo ao fim do encontro.

1. Objetivo geral: Promover a interação social entre os alunos
2. Conteúdos: Concentração e improvisação.
3. Desenvolvimento da aula:

Atividade 1: : Alongamento;

Atividade 2: Imagem da escolha;

Atividade 3:Uma história contada por muitos atores.

Recursos: Sala ampla.

4. Avaliação: Conversa com o grupo ao fim do encontro.
5. Referências:

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PLANO DE AULA Nº. 10

Conteúdo/ foco:

- Aquecimento corporal, concentração e foco, improvisação.

Atividades propostas: Alongamento, jogo de máscaras e rituais, imagem da ausência.

Recursos materiais: Sala ampla.

Avaliações: Conversa com o grupo ao fim do encontro.

1. Objetivo geral: Promover a interação social entre os alunos
2. Conteúdos: Concentração e improvisação.
3. Desenvolvimento da aula:

Atividade 1: : Alongamento;

Atividade 2: Jogo de máscaras e rituais;

Atividade 3:Imagem da ausência.

Recursos: Sala ampla.

4. Avaliação: Conversa com o grupo ao fim do encontro.
5. Referências:

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.